

18/12/2004 **Fome Zero nota 0** *Brasil S.A. - Antônio Machado*

Enquanto o governo resolveu enfim mandar que sejam trazidos à luz do dia os papéis do passado que vão reavivar o que todos sabem, a prática metódica de tortura e assassinato nos porões da ditadura, o IBGE revolveu o presente com sua Pesquisa de Orçamento Familiar, POF, que lança luzes sobre outra realidade, mas esta desconhecida para muita gente: que o problema central do país não é a fome, o que desmente os inflamados discursos do presidente Lula ao tomar posse e anunciar, como marca de sua administração, o programa Fome Zero, graças ao qual ganhou o prosclênio nos salões ricos do mundo. Por ironia, o IBGE descobriu, desvendando os hábitos alimentares do brasileiro e correlacionando-os com peso e altura, que a maior mazela do país é nada mais, nada menos, a obesidade, que já atinge 11% da população com 20 anos ou mais, ou 10,5 milhões de pessoas, enquanto os subnutridos são muito menos: 4%, ou 3,8 milhões com déficit de peso, e diminuindo. No universo populacional, 38,8 milhões, 40,6% do total, estão acima do peso, e aumentando. A constatação do IBGE derruba a falácia da fome do tamanho de uma Argentina, como Lula afirmou no ano passado, embora suspeitasse estarem infladas as estimativas de miseráveis, ora de 15 milhões, ora 47 milhões, dependendo do autor, como admitiu num dos trechos do documentário *Entre Atos*, de João Moreira Salles, sobre a sua campanha à presidência. Suspeitava, mas nada fez para elucidar a questão - pedir ao IBGE um censo nacional da miséria e pobreza, por exemplo, como propôs esta coluna no fim de 2002. Lula e o PT se enredaram no papo dos marqueteiros e devem ter gostado das reações, até porque, especialmente na academia, só os pessimistas são reconhecidos como intelectualmente sérios. O Fome Zero caiu no gosto da intelligentsia dos países ricos, e mesmo de certa elite local, mostrando a força de uma ação de marketing vendida como um programa estruturante contra a miséria. Mas o que serviu para projetar o lado humanista de um presidente de origem operária - que é autêntico, embora o veículo usado para projetá-lo fosse falso, como o IBGE comprovou - serviu também para enxovalhar a imagem internacional do país, que nunca foi boa entre as elites, sobretudo da Europa e dos EUA. Além de ser visto como o país que devasta a Amazônia, trata mal os índios, abandona as suas crianças, conforme imagens recorrentes na imprensa estrangeira, adicionou-se multiplicado o problema da fome, que, ao contrário, segundo o IBGE, vem diminuindo desde os anos 70. E chega a 2004 como um mal localizado, circunscrito a alguns bolsões, em condição de ser sanado em questão de meses, não de anos. **Confusão conceitual** A pesquisa da POF reforça um debate no governo sobre a eficácia das ações sociais a partir de uma confusão conceitual bem descrita pelo ex-presidente do IBGE Sérgio Besserman, envolvendo fome, miséria, pobreza e desigualdade de renda. Fome e miséria pedem programas assistenciais, com distribuição direta de alimentos e subsídios monetários, tipo renda mínima. Pobreza pede ações de inserção no mercado de trabalho acopladas a programas de educação, reciclagem profissional, treinamento, e guarda relação com a atividade da economia e o mercado de trabalho. Desigualdade de renda, dos quatro itens o mais complexo de resolver, requer a união de políticas tributárias e fiscais com um grande esforço de distribuição da produtividade do capital. **Dinheiro não falta** O assunto foi tratado na última reunião ministerial pelo senador Aloizio Mercadante ao alertar que é fraca a amarração de programas como o Bolsa

Família com a facilitação do acesso dos assistidos ao mercado de trabalho, o que tem muito mais valor que a checagem das condicionalidades hoje exigidas aos que se habilitam a receber o auxílio monetário. O nível de pobreza tem a ver com a qualidade e o acesso a serviços essenciais, como educação e saúde, programas de moradia, transporte, enfim, o conjunto de ações públicas que podem ser mensuradas como uma renda indireta cuja disponibilidade permite à sociedade situar-se num padrão social mais elevado. Quanto o governo sabe sobre isso? Provavelmente menos que o necessário para o convencimento de que dinheiro não falta, que a solução da pobreza é menos difícil do que parece e que o modelo atual é incompleto para dar resposta ao problema. Ao conhecer os dados da POF, o ministro responsável pelo Bolsa Família, Patrus Ananias, se apressou a declarar que nada vai mudar na área social. Precipitou-se, pois corre o risco de ser desmentido pelos fatos. Esse é o problema de muita coisa no país: achismo demais. Em 7 de outubro, dizíamos aqui, no Brasil S/A, que “estudo do economista Marcelo Neri, da FGV, dando conta de que aumentou a miséria no primeiro ano do governo Lula corre o risco de se tornar mais uma entre tantas verdades acabadas, nos últimos tempos, que mais tarde, com alguma reflexão e conhecendo-se melhor a fotografia completa do problema, constata-se que não era bem assim”. O IBGE acaba de mostrar que tal alarme era falso. Sem a ilusão do Fome Zero, é provável que Lula tivesse ganhado tempo precioso nas ações contra a pobreza, esta sim o foco certo, não a miséria, que está a requerer ações focalizadas, porque restrita a bolsões, como no sertão do Nordeste e nos grandes centros urbanos.